



Assistencialismo predatório de estruturas jornalísticas: a esperteza semiótica do coronelismo camaleão¹

Renato Ferreira de MORAES

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN)

O estudo busca uma reflexão sobre como estruturas jornalísticas são utilizadas para fins político-midiáticos a partir do assistencialismo. Com referência em autores como Alayón (1995), Traquina (2005) e Barreto (2006), parte do seguinte problema: de que forma essa solidariedade midiática se insere em programas populares na TV brasileira, a partir de quatro categorias de assistencialismo apontadas por Moraes (2023): mambembe, grotesco, pseudodefensor de direitos e *neokitsch*. O que se propõe defensor de direitos do consumidor é explicitamente predatório do jornalismo, mas os demais também operam iniciativas isoladas de suprimento de informações ao cidadão, o que suscita uma discussão sobre aspectos éticos da questão. Entendemos que a pesquisa pode contribuir para o ensino de jornalismo, pois aborda uma estrutura que se aproveita de práticas jornalísticas, mas é um pseudojornalismo, tão nocivo quanto a desinformação, a exemplo.

Contextualização - A esperteza semiótica (do vídeo) é citada por Sodré (1977) em análise sobre como a televisão brasileira se adapta ao cotidiano familiar, e nela nos inspiramos para estudar o assistencialismo midiático. O Brasil é um país predominantemente católico, um ambiente propício para a solidariedade de apresentadores de TV na resolução de problemas do cidadão. Historicamente, o assistencialismo coincide com a implantação da TV no Brasil, sendo o apresentador J. Silvestre um dos precursores na distribuição de dinheiro em programas de perguntas e respostas (Rohrer, 2010). Foi e continua sendo uma estratégia para o incremento da

¹ Resumo expandido apresentado no GP Produção Científica, no III Encontro Regional Nordeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Nordeste).



popularidade de apresentadores a partir da resolução de problemas dos participantes, mas sem o devido aprofundamento (Alayón, 1995) nas questões que propõe solucionar. No Brasil, instalado na mídia, “reproduz estruturas dominantes da sociedade brasileira ao apresentar-se como uma ferramenta de persuasão que cativa e (também) atende às necessidades materiais e afetivas do público” (Moraes, 2023, p. 21), configurando-se como uma solidariedade interesseira. E estratégica: para Alayón (1995, p. 15), “uma das atividades sociais que historicamente as classes dominantes implementaram para reduzir minimamente a miséria que geravam e para perpetuar o sistema de exploração” Na TV nacional, dos primórdios aos dias atuais, tal como o coronel (também assistencialista e conectado à política), personagem marcante do cenário socioeconômico brasileiro, o assistencialismo foi se adaptando como um camaleão ao ambiente social e às circunstâncias, no que identificamos quatro categorias, conforme o quadro 1.

Quadro 1 - Categorização do assistencialismo na TV

Classificação	Características estéticas e de linguagem	Apresentadores (exemplos)	Período predominante
Mambembe	Estratégias rudimentares quanto às técnicas de produção. Exibição de aspectos grotescos dos convidados. Narrativa lúdico-informativa e sentimentalista. Discurso machista, conservador e discriminatório.	J. Silvestre (TV Tupi), Silvio Santos (SBT), Gugu Liberato (SBT e Record), Carlos Alberto de Sousa (TV Ponta Negra)	Anos 1980
Grotesco	Narrativas policiais conectadas ao entretenimento. Exploração explícita da falta de acesso do cidadão a políticas elementares de proteção. Discurso autoritário, com frequente violação de direitos do cidadão.	Ratinho (SBT); Márcia Goldsmith (Band)	Anos 1990



Pseudodefensor de direitos	Mesmas características do grotesco, inserido em narrativas policiaescas conectadas ao jornalismo com intuito de adquirir credibilidade e capacidade de pressionar, do ponto de vista comercial, prestadores de serviço e fornecedores.	Celso Russomanno (Rede Record); Gilson Moura (TV Ponta Negra - RN); Marcos Rotta (Band Amazonas)	Anos 1990
<i>Neokitsch</i>	Narrativa lúdica, produção apurada e estética refinada para enquadrar a estratégia no entretenimento. Abordagem de aspectos da vida social ligados à inovação e ao empreendedorismo. Estratégias transmidiáticas e de incentivo à participação do telespectador.	Faustão (Rede Globo, Band); Luciano Huck (Rede Globo); Rodrigo Faro (Rede Record)	Anos 2000

Fonte: Moraes (2023).

Tal classificação não constitui fórmula rígida: um programa ou um quadro pode apresentar uma ou mais características. Eis aí a esperteza semiótica do coronelismo, cujo artifício discursivo, o assistencialismo, muda de cor e atitude para operar o que denominamos cabresto eletrônico². De que forma ele opera?

Um exemplo de programa popular assistencialista mambembe, com traços de grotesco e *neokitsch* foi o Domingo Legal, apresentado por Gugu Liberato (1959-2019), em quadros de realização de sonhos materiais e emocionais. A estratégia assistencialista teria surgido para recuperar a imagem do programa, abalada após episódio em que a atração foi suspensa pela Justiça, em 2003, por ter forjado uma entrevista com membros do PCC. Os

² Trata-se de “um vínculo que conecta, por meio de estratégias inseridas em estruturas de entretenimento ou de simulacros de jornalismo, um ou mais operadores da caridade e o(s) assistido(s), com o objetivo de resolver problemas de ordem emotiva e material (neste último caso, com objetivos políticos, preenchendo uma lacuna de ausência do Estado” (Moraes, 2023, p. 53). O conceito faz alusão ao voto de cabresto, característico do coronelismo, episódios em que, conforme Silva (1994, p. 23), “os eleitores eram trancados em currais de gado nas fazendas e liberados em pequenos grupos, levados a votar pelos proprietários das terras ou pelo cabo eleitoral do coronel ou do candidato do coronel em quem deveriam votar”.



encapuzados exibidos ao vivo eram falsos criminosos e teriam recebido dinheiro para participar da farsa. “Após esse episódio, o programa caiu no descrédito e passou a apelar para o sensacionalismo, explorando o assistencialismo e o realismo da classe baixa” (Hergesel; Ferraraz, 2017, p. 115). Gugu Liberato nunca esteve conectado ao cenário político, mas seu guru inspirador, Silvio Santos, sim.

No assistencialismo grotesco, caso do Programa do Ratinho, também personagem da política nacional, o jornalismo é apresentado como sátira, no Jornal Rational, “um show de variedades e muito humor: mágicas, brincadeiras, músicas engraçadas, participações especiais, vídeos da internet, e-mails e as mais variadas curiosidades” (SBT, 2025).

No *neokitsch*, identificamos, em menor grau e não conectadas a estruturas jornalísticas, iniciativas de entretenimento-informação. No Caldeirão do Huck e no Domingão com Huck, Luciano Huck apresenta “matérias” (grifo nosso) sobre os mais diversos temas. Em sua trajetória, a partir do entretenimento, da diversão pura e por vezes grotesca (vide linguagens de exploração do corpo feminino), o apresentador acrescentou ao seu *modus operandi* estratégias de assistencialismo (de apoio ao empreendedorismo e boas práticas sociais), desta forma se inserindo (ou sendo inserido) no cenário político brasileiro.

O assistencialismo que explicitamente se apoia em estruturas jornalísticas é o pseudodefensor de direitos. A exemplo das demais, parece informativo, mas é pura estratégia de acúmulo de capital político e midiático, vide o exemplo do deputado federal e repórter Celso Russomanno, que fez carreira na política (e nela se mantém) a partir deste tipo deste tipo de atividade. Neste sentido, trata-se de um pseudojornalismo, uma ameaça à informação ética e de qualidade, quase na mesma medida que a desinformação.

Teoria e prática - Conforme Traquina (2005, p.147), o desinteresse do jornalista sobre a notícia é noção-chave da Teoria do Espelho, na qual é “um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam de sua missão de *informar, procurar a verdade, contar o que acontecer, doa a quem doer*”. Ocorre que jornalismo é prática e a política



volta a ser uma das principais pautas do jornalismo em tempos de transformações (e intensa polarização política) no tecido social mundo afora. Ironicamente, o campo jornalístico se estabelece no século XIX, conforme Bourdieu (1997), afastando a influência do polo político na produção de jornais.

Para Barreto (2006), o jornalismo político representa um campo de tensão constante, repleto de interesses por vezes antagônicos. Ao citar os jornais impressos, o autor analisa como princípio basilar o fato de o leitor ter “a certeza de que, no jornal, encontrará, naquela página, um determinado tipo de relato de atualidade, que atende ao seu interesse imediatista” (Barreto, 2006, p.13). No caso do assistencialismo predatório de estruturas jornalísticas, há uma subversão desse interesse, pois operando no atendimento de casos em particular, constitui projeto pessoal do jornalista-político, também ocupando uma ausência do Estado na prestação de serviço em defesa do cidadão. Ao contrário, no jornalismo político, prossegue Barreto (2006), é clara a separação de papéis, pois

A convergência entre jornalista e político ocorre em função de que tanto um lado quanto o outro acredita que a publicização de um acontecimento é a melhor maneira para que se demonstre que cada um cumpriu com o seu papel: o político em sua função de personagem da notícia, o jornalista como agente que relata o que se passou no cenário do poder (Barreto, 2006, p. 13).

A atividade jornalística, por si, é inerente a um poder relativo à propriedade e manipulação da informação, mas, em teoria, a serviço do interesse comum. Já o político-jornalista espera, deseja e busca sempre a aparição midiática movido pela necessidade de manter-se apto a chegar ou a permanecer em situação de poder, quaisquer que sejam os seus motivos e convicções, destacando-se, dentre estes,

A vaidade ou, em outras palavras, a necessidade de se colocar pessoalmente, da maneira mais clara possível, em primeiro plano. [...] Com efeito, uma vez que, ou melhor, porque o poder é o instrumento inevitável da política, sendo o desejo do poder, conseqüentemente, uma de suas forças motrizes (Weber, 1968, p. 107).



Ao final, o que vemos aqui é um aspecto moral da questão subvertido, pois jornalista/comunicador e político se fundem num mesmo personagem, num ambiente de espetacularização e pouca (ou nenhuma) ética, no qual as ameaças ao jornalismo são uma constante. Beneficiada pelas novas tecnologias, a exemplo, a desinformação é fenômeno de crescimento contemporâneo. Em paralelo, sem muito alarde, o assistencialismo é uma escola de portas abertas desde a implantação da TV no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALAYÓN, Norberto. **Assistência e assistencialismo**: controle dos pobres ou erradicação da pobreza. Tradução: Balkys Villalobos de Netto. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BARRETO, Emanuel. Jornalismo e política: a construção do poder. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 1, n.1, p. 11-22, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1998.

SBT. Programas. Auditório. Ratinho. Quadros. Disponível em <https://tv.sbt.com.br/programas/auditorio/ratinho/quadros>. Acesso em 08 ago. 2025.

MORAES, Renato Ferreira de. **Coronelismo em versão retrofit na TV**: um estudo de caso do discurso assistencialista de Luciano Huck. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

ROHRER, Cleber Vanderlei. **Programas do Chacrinha**: inovação da linguagem televisual. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Ofélia Ferreira. **Modernização e liberalismo** - a substituição do coronelismo pela democracia - liberal no estado do Ceará a partir de 1986. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1994.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1977.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

WEBER. Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1968.